

■ Derretendo a flor impura

ROBERTO SARMENTO LIMA

Professor Doutor de Teoria da Literatura da
Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e crítico
literário.

sarmentorob@uol.com.br.

BRANDÃO, Izabel. *As horas da minha alegria*. Florianópolis: Mulheres, 2013.

Já se falou muito sobre flores em poesia. Temas eternos, como a natureza, a mulher e o amor ou a saudade, já frequentaram páginas e páginas, dentro dos mais diversos humores, variando o estilo, lá e cá. As flores já sinonimizaram a própria palavra poética, em sua versão metalinguística. Elas podem ser do bem como do mal. Seja lá o que seja isso, apenas resistem, ao contrário das flores naturais, às intempéries e às variações do tempo. Izabel Brandão acaba de lançar mais um livro de poesia e faz sua justa homenagem a esses pequenos viventes frágeis, a começar pela capa do livro, que se intitula *As horas da minha alegria*. Distribuem-se na entrada flores de tom róseo, carmim e púrpura, dispersas sobre certas manchas impressionistas de fundo verde e bege que, pelo traçado, lembram, como disse a própria autora, ao entregar-me o exemplar, uma “caixa de lenço”. Caixa, por seu formato quadrado, de pequena dimensão; lenço, pela sutil pintura, quase uma aquarela, como em papel fino, prestes a desmanchar-se ao primeiro toque.

Igual suavidade, porém, não se vê muito nos poemas que a caixinha guarda. Há certa ironia e acidez de limão-bravo nas pétalas que as páginas do livro desfolham, sobretudo na autorrevelação que faz de si mesmo o eu lírico: “espinho de pequi / preso na língua / e o gosto da palavra / esbarrando na dor / aguda e fininha / feito delicado / arremate”. Parece sina, mas é obsessão poética, desde os antigos. Há de se falar em flor, sim, por que não, mas não se pode deixar de dizer que a natureza traz consequências temíveis para o apaziguamento da alma: “espinho de pequi”, “dor aguda e fininha”. Ou seja: o que parece estar sendo dito é que não se é poeta se não se consegue demonstrar momentos de desespero, calado ou alardeado, a depender da sintonia em que se coloque o ser real e histórico que os

evocou em versos, ainda que, para isso, não se possa dizer que não se falou de flores. É lugar-comum, sem dúvida, mas quem vive sem o lugar-comum?

Izabel Brandão dá títulos servindo-se de sintagmas nominais sugestivos como “seda e espinho”, “a fluidez das flores”, “rosa inerte”, “alma floral”... Mas que ninguém se engane! Há sempre ali um cício ranhento, pouco amável, que desfaz os “caminhos que se abrem”, pois só aparentemente é que se abrem. Quando a palavra parece libertar-se do peso do mundo, este mostra sua força, e pisa as flores-palavras, esmaga pétalas indefesas e desavisadas. Como exemplo disso, cito o poema “Galeria” (na página 35 da coletânea): entre o adiamento da dor (“Não quero as lágrimas que não chorei ainda, / É cedo para desabar”) e a certeza da irreversibilidade do tempo (“porque o futuro não tem volta / e o que já se foi / cumpriu sua rota”), ficam palavras amenas de esperança: “Os passos de hoje são trôpegos / mas traçam a trilha do amanhã”. Se o leitor entendeu bem a mensagem, nem tudo se perdeu, diz o enunciado desse poema. Entretanto, o plano da enunciação aponta justamente para o contrário do que se julgou antes: nessa pronúncia repetitiva do encontro consonantal “tr” — em “trôpegos”, “traçam” e “trilha” —, canta a voz da desesperança, feito roda dentada que perdeu alguns dentes e, assim, arranha o eixo a que se prende. O obstáculo no caminho — o quebrar de pedras, ramos ou gravetos entrevisto nesse som duro e difícil de pronunciar — segue na direção oposta à da fluidez e da ilusão. Não há mais tempo: a não ser a espreita do quem vem por aí de pior.

A caixa de flores transforma-se, pois, numa babuchka russa, de onde saltam mães, uma atrás da outra, cada vez menores, ate perder sua consistência primeira e original. A primeira mãe-flor (chame-se a elas com o que quiser), a mais aparente, é a que aponta para a serenidade e a aceitação do mundo, mas o que, na verdade, se trava

no seu interior é a luta com e contra as contradições. No concreto poema-flor “A fluidez das flores” (página 53), em que palavras e versos se amontoam imitando, contra o branco do papel, o desenho de uma flor — sugerindo ares de pureza e ingenuidade —, o caule que a sustenta cai como uma chuva oblíqua, escoando para o lado direito do papel, como se fosse escapar dele, numa posição que eu diria anticinematográfica (pois no cinema hollywoodiano os objetos tomam a direção oposta, do limite direito da tela para o centro da composição, em geral). Do lado de fora, o vazio, o inesperado. E o caule é nada mais nada menos senão uma palavra que se esgarça, não só pelo seu desenho, como também, ou sobretudo, pelo seu significado: “derreter”, por si só um desfazimento completo. Na ponta, como se fosse a sua base, temos a expressão “a flor impura que sou”. Por tal impureza e precariedade, a base se corrói antes mesmo de sustentar o vegetal. Algo inútil, portanto.

Desse modo, de nada adiantou a Izabel ter construído a ilusão do leitor. Do seu roteiro confessional, que começa em “Minas”, desce para “Esquinas” e, depois, incredulamente, abre-se para o “Mundo”, o cabo da viagem é “A casa no exílio”, num desenho zigzagueante em que se vai do maior para o menor, do menor para o maior de novo, para tudo terminar na solidão da casa. Lembrei-me de Gilberto Gil, na canção “Meu amigo, meu herói”: “Na casa do meu coração pequeno, no quarto do meu coração menino, no canto do meu coração espero agasalhar-te a ilusão”. Casa, quarto, canto: Minas, esquinas: (excluir) mundo, casa do exílio. Em bordado mais detalhado, os versos de Izabel Brandão não escondem, antes aclaram, os caminhos opostos de Bela e Pedro, de Pedra Azul e Maceió, de cujo fascínio a poetisa não se liberta a ponto de poder fazer das flores que organiza em buquê ou em uma babushka um límpido retorno ao passado. Não, não — presa que se encontra essa mistura de Izabel e eu lírico

à “terra de mar verde” (cujo nome não ousa pronunciar), onde, com todas as letras, continua “estrangeira” —, não atinge a tranquilidade dos “oásis” escondidos na paisagem dura dos “desertos”, embora prometa juntar forças para regressar. Regressar é, como sabemos, perder de vista o amanhã, descartá-lo. Mas também, como foi dito no primeiro poema do livro, “voltar ainda é futuro”.

[Recebido em 1º de dezembro de 2013 e aceito para publicação em 16 de dezembro de 2013]